

Diversão em Arte

AUTOR PREMIADO DE FILMES COMO AS INVASÕES BÁRBARAS E O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO, **DENYS ARCAND** FALA AO CORREIO DO MAIS RECENTE FILME: **TESTAMENTO**, EM TORNO DE CRISES, PROTESTOS E ETARISMO

PROTESTO SILENCIOSO E REFLEXIVO

» RICARDO DAEHN

Entrevista // Denys Arcand, cineasta

Em mais de 60 anos dedicados ao cinema, o cineasta canadense Denys Arcand, vencedor de Oscar e de prêmios no Festival de Cannes, entre outros, chega ao lançamento do seu mais recente longa: *Testamento*. Claro que, como sempre, comparece (indiretamente) aos cinemas com um filme potencialmente crítico em relação a muitos tópicos políticos e sociais. Na berlinda, aspectos das chamadas primeiras nações (as indígenas) que atravessam o Canadá. “O império (americano) foi muito benevolente comigo. Os impérios, aliás, estão de bem comigo: me deram um Oscar (risos). Estou feliz com o império (norte-americano), mas ele está desmoronando. Obviamente, se Trump for eleito, este ano, neste outono, será uma grande catástrofe. Nessa conjuntura, há ainda a guerra na Ucrânia — isso faz com que o mundo não esteja indo tão bem...”, observa o diretor de 83 anos, recém-completados, em entrevista exclusiva ao *Correio*.

Como Jean-Michel, um solteirão que observa e interage, com moderação, no microcosmo ao redor de uma casa de repouso, Arcand — célebre por filmes como *As invasões bárbaras*, *Jesus de Montreal* e *O declínio do império americano* — sabe colocar a boca no trombone. “Na minha juventude, estávamos nos anos 1960, e as pessoas protestavam com muita frequência em manifestações. De verdade, já fui preso pela polícia uma ou duas vezes; passei até uma noite no departamento de polícia. Protestava em torno da independência de Québec, da área que traz corrente a língua (oficial) francesa. Mas, bem no fundo, não fui muito militante”, confessa. Confirma o papo com o diretor que até arrisca coordenadas para o futuro do cinema.

Há algo de você, no protagonista de *Testamento*, não — tipo alter-ego?

Sim ele é, mas sob alguns pontos de vista. Basicamente, tem minha idade. Eu estudei história e ele foi historiador e trabalhou em arquivos. É bem próximo. Há partes muito distintas: sou cineasta e não moro sozinho em uma casa de repouso, como ele mora; estou cercado de pessoas, no cotidiano. Basicamente, ele é muito parecido comigo. No que ele diz e na maneira como se comporta, ele traz semelhanças.

Vemos muitos aspectos críticos à sociedade. Pergunto: a ignorância é uma dádiva?

(Risos) Acho que, às vezes, provavelmente, sim, bem provavelmente. Sim, mas não é uma dádiva. Não acho que a ignorância seja uma qualidade. Você deve ser o mais preparado possível. Estar atento ao que está acontecendo ao redor de você; nunca se esforçar para ser desavisado. Devemos buscar ser o mais ilustrado possível. Esse personagem central não creio que ele tenha opiniões muito estabelecidas sobre qualquer coisa, não vejo ele como desatualizado ou ultrapassado. Apenas é testemunha do que está ao seu redor. Ele tenta ser o mais inteligente possível, o mais bacana. Ele é, sim, idoso; ele tem diferença de idade em relação aos personagens que integram os protestos registrados. Ele é um velho tentando entender o que está acontecendo.

A questão da reparação indígena pesa no trama. Como se curariam feridas?

Todo país americano tem que enfrentar isso. Tenho certeza de que a situação é a mesma no Brasil e em muitos outros países. Os indígenas no Canadá foram muito discriminados. Houve crimes contra eles. Assassinatos. A história é horrível. Segue a cartilha do enredo colonialista. Isso, por todas as Américas, de Norte a Sul. A situação é horrível. O que podemos fazer para ajudar, para promover melhorias? Essa situação é muito complicada. Se sofre um processo de aculturação. Pessoas estavam em uma idade da pedra e, de repente, você os puxa para o século 21; então, como você faz isso? É muito, muito difícil. Temos de ouvi-los, o quanto possível. Mas ouvi-los, não, necessariamente, aos manifestantes plantados na esquina da rua. Não dar ouvidos aos que dizem que os representam... Ouvir os indígenas — e este é o dilema no meu filme. Não se ater aos agitadores de esquerda que dizem pertencer à causa dos indígenas. Temos que escutar os verdadeiros indígenas, aqueles que devem ser consultados.

Um homem branco pode se sentir excluído como no filme?

Respondo como um “velho branco” — e isso é fundamental e é diferente de ser jovem branco. Se estou lidando, por exemplo, com os problemas dos indígenas, vou falar com eles, não me sinto rejeitado e nunca me sentiria. Tentamos buscar entendimento. É uma interação construtiva. Se falo com a geração mais jovem de brancos; sou, sim, acusado de ser um homem branco, e um homem branco velho. E tem

esta teoria feminista: o homem branco é absolutamente culpado de tudo o que aconteceu à humanidade através dos tempos. Portanto, o patriarca é o culpado absoluto por absolutamente tudo. Posso tentar me modificar, mas sou branco e idoso. Vez por outra, gosto de ironizar e me divertir um pouco com essa situação. Hoje em dia, se eu for a um festival de cinema, só há diretoras mulheres e o júri é composto de mulheres (risos). E as mulheres dão prêmios umas às outras. Posso receber prêmio de consolação e, sim, será um tributo relacionado à idade. No filme, há uma cena de acúmulo de erros relacionados à premiação (literária). Eu me divirto um pouco porque, às vezes, acho que as mulheres são muito sérias. São, de forma mortificante, sérias, em tempo integral. Se você esboçar algum comentário bobo, então! Por um fio, elas não te estrangulam. Nisso, sou somente eu, sendo eu (risos).

Entre choradeira por cause de spoiler a novos conceitos entre o jovem público, em que muda a dita sétima arte?

Toda a situação do cinema está mudando agora. Digo, fui ver outro dia Duna 2. Sou amigo de Denis Villeneuve, o diretor. É o maior filme que eu já vi, é gigantesco. Há explosões e computação gráfica e efeitos sobrepostos e custou 300 milhões de dólares, então é isso: um orçamento impensável. Estão dizendo que é o novo caminho para o futuro. Quero dizer, vamos ver esses filmes extremamente gran-

des, em salas gigantes como IMAX e eles serão retumbantes. Esses serão exibidos nos cinemas. Na outra ponta do espectro, podemos pensar em filmes muito menores, como os meus, que serão basicamente colocados na internet. Você vai vê-los em casa, não, necessariamente, no seu computador. Você pode ter uma boa tela. Em casa, por exemplo, tenho uma tela muito boa, com 2 metros de largura e 1 metro de altura. Então a qualidade é muito boa. Posso desfrutar dos filmes perfeitamente. O som é bom, perfeito. Nisso estarão os filmes menores, pequenos e mais íntimos. Encontrarão um nicho, em algum lugar, neste vasto universo da internet. Então é isso que veremos.

Você é emocional ou racional, como diretor, e *Testamento* pode ser último filme?

Um filme é algo muito complexo e, na direção, sou muito humano. Então você pode ter ideias, conceitos, racionalidade. Mas você também está lidando com uma atriz que tem emoções. Ela está no estado emocional X com o qual você precisa se ocupar. Há de se lidar com o bebê, em cena, e a atriz mais jovem; pessoas mais velhas — tudo é muito humano. Tem que ser totalmente emocional. Basicamente, equilíbrio emocional e racional. Se *Testamento* será meu último filme? A resposta é: não sei, agora. Não tenho nenhum projeto, mas ainda estou com boa saúde e se uma boa ideia ou algo válido e cativante surgir, quero fazer um filme e posso vir a fazer outro na carreira.

Cena do filme *Testamento*



Aponte o celular para assistir a entrevista completa



CELEBRAÇÃO ITALIANA

Esqueça os três gols de Paolo Rossi, nas quartas de final da Copa de 1982, a hora é celebração, que vem pelo cinema, com a nova edição da 8 1/2 Festa do Cinema Italiano, a partir de hoje, na capital, com uma dezena de filmes que trazem desde nomes recém-projetados na sétima arte até o veterano Marco Bellochio (à frente de *O sequestro do Papa*).

A memória afetiva da clássica música *Il mondo* (Greco, Meccia e Fontana), consagrada em meados dos anos 1960, puxa a ligação com o filme *O divino Zamora*, atração de hoje, às 14h, no Cine Cultura Liberty Mall e que será exibido ainda amanhã (16h15, no Liberty) e às 17h (no Cinesystem Brasília). O filme teve produção em 2024, e marca a estreia de Neri Marcorè (também ator) na direção. Na trama, o intelectual Vismara (Alberto

Paradossi), um contador que segue para Milão, atrás da irmã Elvira e de novo emprego, topa com os fortes sentimentos por Ada (Marta Gastini). Sem muito jeito para o futebol, ele cai nas graças de um industrial de traços visionários e obcecado pelo esporte.

Se os filmes localizam públicos em tempos e novos espaços, o sucesso de *Ainda temos o amanhã*, no Cinesystem Brasília (hoje, às 17h30) e ainda no Cine Cultura Liberty Mall, às 20h40, celebra tópicos como a ruptura, machismo, e num período atrelado à Segunda Guerra, onde, vale a lembrança, o Brasil esteve na Itália, com a Força Expedicionária Brasileira, num teatro bélico amenizado por pracinhas e ainda com destaque para o grupamento de enfermeiras brasileiras.

A parte do nazifascismo, a diretora



O divino Zamora



Ainda temos o amanhã

e atriz Paola Cortellesi toma conta da trama (e conduz) na pele de Delia, casada com o brutalizado Ivano (Valerio Mastandrea, e que se afirma como uma peça-chave na vida de todos que a cercam. O ápice do filme demonstra, em coreografada cena, toda a problemática

que cerca recorrentes agressões de potenciais feminicidas que abusam do amor das mulheres. Preferido do público, pelo David di Donatello (maior prêmio de cinema italiano), o longa ainda venceu nas categorias: roteiro, nova direção e atriz. (RD)

FRAMES DO ORGULHO

No mês do orgulho LGBTQIA+, o Cine Brasília (EQS 106/107) traz títulos associados à questão, em programação especial: hoje e amanhã, será possível assistir a títulos recém-integrados às grades de cinema do país. Tudo o que você podia ser (de Ricardo Alves Jr.) passa às 18h15, tendo por centro as intensas mudanças nas vidas das atrizes que protagonizam a fita. Já às 20h é a vez de 13 sentimentos, título de Daniel Ribeiro, sobre relações gays frente ao uso de aplicativos de encontros. Protagonizado por Kristen Stewart, *O amor sangra* (de Rose Glass) é o título das 16h20. Ainda no cinema, há opção infantil (*Kung Fu Panda 4*), às 10h, e um filme de curta-metragem (*Moventes*), exibido às 14h, antes da sessão especial de A hora da estrela, baseado em Clarice Lispector, e estrelado por Marcélia Cartaxo.